



“A ESCOLA E OS PAIS” – A RADIOFONIA AO SERVIÇO DA COLABORAÇÃO EDUCATIVA

Teresa SARMENTO, Joaquim MARQUES, M^a do Carmo FERREIRA, Armanda da ALEGRIA, Arminda CAETANO, Matilde FRADE, Ana M^a SOUSA, Marisol RIBEIRO, Fátima COIMBRA, Isabel VILAÇA

RESUMO

O Projecto *Escola-Pais: as nossas práticas* é desenvolvido, desde há cinco anos, por um grupo de Professores do 1º. Ciclo do Ensino Básico e de Educadores de Infância, numa articulação entre o Instituto de Estudos da Criança e o Instituto das Comunidades Educativas, estando inscrito no Centro de Estudos da Criança. São finalidades principais do Projecto a aproximação entre docentes do pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico e a melhoria de comunicação com outros parceiros, nomeadamente pais e restante comunidade educativa, de que saia privilegiada a educação da criança.

No último ano, o Grupo Dinamizador do Projecto entendeu que era tempo de partilhar as suas experiências com a comunidade alargada, de forma a promover o levantamento de novas questões sobre a pertinência da continuidade educativa das famílias com as escolas e estabelecer redes de colaboração entre diferentes parceiros implicados na educação da criança, tais como pais, professores, os próprios alunos e outros elementos da comunidade. Para isso, optou pela concepção e realização de um **programa de rádio** (*A Escola e os Pais*), com um conjunto de seis emissões, difundidos através da Rádio Universitária.

Numa fase de avaliação pós-realização do programa, concluiu-se que a concepção, organização e realização do mesmo constituiu um marco importante para o Grupo Dinamizador e para o Projecto, tendo em consideração o conjunto diversificado de tarefas a que foi necessário dar resposta; pelo que representou de aprendizagem numa actividade completamente nova para qualquer um dos seus elementos; pelos meios que mobilizou e pelas repercussões que se pensa terem sido alcançadas.

Esta iniciativa constituiu uma oportunidade para a intensificação dos processos de investigação sobre a problemática da relação Escola/Pais, possibilitou um exercício de descentração das práticas, foi motivador de mais e melhor intervenção e contribuiu para o desenvolvimento de novas capacidades de interlocução junto do vários actores do processo educativo das comunidades a que pertencem.

A FORMAÇÃO CONTÍNUA E O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NA BASE DO PROJECTO

A formação é um conceito de sentido amplo, sendo-lhe atribuída actualmente uma relevante importância na vida dos professores.

Para José Cardim (1996) a formação adopta, como objectivo, a preparação inicial das pessoas para os estratos intermédios da “pirâmide da qualificação” e entende que, devido às transformações económicas, técnicas e organizativas que os sistemas sofrem, há uma constante alteração do conteúdo do trabalho e das competências a que apela, gerando crescentes e rápidas desactualizações e desadaptações, que acentuam a necessidade de aprendizagem ao longo da vida, logo, de uma formação contínua.

Segundo Gerald Malgraive (1995) articular formação inicial com formação contínua é promover uma verdadeira formação permanente.

Terminada a formação inicial, os adultos recorrem a novos períodos de formação, em função das exigências explícitas da sua acção social e profissional.

Hoje, porque a sociedade evoluiu mais rapidamente do que a escola, porque a escola se democratizou acolhendo massivamente os alunos, sem estruturas apropriadas, as disfunções surgiram, o que aumenta a necessidade de aprofundar e alargar a formação.

Assim, a formação desenvolve-se com diferentes propósitos: a actualização da formação inicial, a sua complementaridade, a adequação às novas necessidades docentes, constituindo também um mecanismo indispensável à progressão na carreira.

A formação contínua pode assumir diferentes modalidades: umas mais formais, outras mais informais.

Segundo Ferreira (1994) o processo de construção do sistema de formação contínua dos professores, teve início em Portugal após o 25 de Abril de 1974 e desenvolveu-se sobretudo na década de 80.

Nesta época, coube aos serviços centrais e regionais do Ministério da Educação, aos sindicatos, às instituições de ensino superior e às associações profissionais promover o maior número de acções de formação.

Estas acções tiveram, na sua maioria, um carácter pontual e de curta duração e realizaram-se fora do tempo lectivo.

Em 1992 o Governo português regulamenta a formação contínua, que tem o seu enquadramento legal definido pela Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86), pelo Ordenamento Jurídico de Formação (Dec.- Lei n.º 344/89), pelo Estatuto da Carreira Docente (Dec. Lei n.º 139-A/90) e pelo Regime Jurídico da Formação Contínua (Dec. - Lei n.º 249/92).

Este quadro legal fez com que a carreira docente ficasse estritamente articulada com a formação contínua, uma vez que a progressão na carreira docente depende da obtenção de formação acreditada, gerando um fenómeno a que Formosinho (1991) denominou de “formação contínua de massas”.

Para Lemos Pires (1989 e 1992), a formação contínua normativa pode ser perigosa, uma vez que a mobilização dos professores se poderá dirigir mais para a melhoria das condições de trabalho do que por um real interesse pelos resultados escolares dos alunos, traduzindo desta forma uma concepção de professor como funcionário e não como profissional.

A concepção de professor como profissional é fundamentada em vários pressupostos, sendo um deles o saber pedagógico específico da profissão, onde há uma intencionalização de ser e de se aprender a ser professor / educador; onde é fácil reconhecer a necessidade de formação contínua, com a consequente valorização pessoal e profissional cuja representação profissional assume o carácter de associativismo profissional, interessado na procura de soluções que conduzam continuamente à melhoria do processo educativo.

A formação contínua decretada é apenas uma das possíveis faces da formação...

A formação não formal, que não se enquadra apenas na oferta das instituições para tal fim destinada, pode ser uma alternativa de formação. Por estar isenta dos constrangimentos legais, por se poder centrar na realidade concreta dos contextos específicos de trabalho, por se poder efectuar com base em interesses comuns, por ser de adesão voluntária, por possuir sentidos de pertença criados, ou modelos e culturas organizacionais instituídos, pode reunir as condições necessárias à condução da profissão docente no sentido do reconhecimento da profissão e permitir que o professor se apresente como um profissional crítico, reflexivo, capaz de pensar a acção que desenvolve, planificá-la, executá-la e avaliá-la, tornando-se capaz de criar um corpo de saberes próprio e autónomo da profissão.

Esta modalidade de formação permite um trabalho em equipe; o centrar a formação nos processos e não entendê-la como um fim em si mesmo; transforma os professores em actores e autores da sua própria formação e reforça a escola como organização.

É neste tipo de formação menos formal que faz sentido falar em projectos, círculos de estudo, oficinas de formação, etc. e onde assume particular relevância os princípios de *aprender a aprender* e a *investigação-acção* entre outros.

A INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO COMO MODALIDADE DE FORMAÇÃO PRIVILEGIADA PELO GRUPO DO PROJECTO

A investigação-acção tem a suas origens nos trabalhos de Collier, que foi quem criou o termo e posteriormente em Kurt Lewin que definiu a I.A. como *uma espiral de passos*, que se compõe de um ciclo de planificação, acção e produtos acerca dos resultados da acção.

Em 1991, Holly elaborou uma história da I.A.(investigação-acção), assinalando quatro períodos: o 1º no início do século que evidenciava a necessidade de considerar a I. A. inserida numa abordagem sistemática e científica dos problemas educativos e de reconhecer a importância da participação dos professores. O segundo período, também nos Estados Unidos, corresponde aos trabalhos de Collier e Lewin. Nos finais dos anos 60 começa nos Estados Unidos o declínio da I.A. e inicia-se em Inglaterra com Stenhouse, que amplia a concepção de professor, entendendo-o como um actor político e social, um investigador, um profissional autónomo, com capacidade de auto-desenvolvimento através do trabalho curricular.

Durante os anos 80, ocorre, nos Estados Unidos, um renascimento da I.A., ligada a projectos de colaboração, onde estão presentes propostas de formação centradas na escola e na auto-avaliação.

A I.A. propõe um tipo de indagação em que os problemas de investigação surgem a partir da própria prática de um professor ou grupo de professores. Os pressupostos teóricos e metodológicos da I.A. são semelhantes aos da investigação etnográfica ou fenomenológica (Burgess, 1985). Porque é uma investigação qualitativa, predomina o estudo de caso, a procura dos significados inerentes à prática das pessoas implicadas, a observação participante, a triangulação, os documentos escritos como método de análise de dados (Elliot, 1984).

É um modelo centrado na prática, ou seja, parte dos problemas que se apresentam em situações concretas decorrentes da prática dos professores; os professores trabalham em conjunto em problemas comuns, clarificando ideias e preocupações. Segundo Bartolomé (1990), os problemas a ser estudados emergem do que a todos diz respeito e da indagação realizada pela equipa, atendendo prioritariamente aos problemas dos professores

A I. A. tenta articular a teoria e a prática, tentando reflectir criticamente sobre a prática, pretendendo chegar à elaboração de teorias. Não pretende apenas descrever situações, visa a generalização de forma a contribuir para a mudança, que conduza à melhoria do processo de intervenção.

Os traços mais característicos da I. A. é que é uma investigação situacional que parte de uma situação específica, num contexto específico.

É colaborativa, faz com que trabalhem juntos investigadores, práticos, instituições de formação, estando todos implicados no projecto.

É participativa, porque os mesmos membros da equipa tomam parte na execução.

É auto-avaliadora, porque pressupõe uma avaliação contínua e permanente de todas as modificações que vão acontecendo na situação e não apenas na avaliação final.

Do ponto de vista da I. A., o professor é concebido como uma pessoa capaz de reflectir sobre a sua própria actividade docente, que pode identificar e diagnosticar problemas da sua própria prática. Para Gimeno (1993) ao reflectir sobre a sua prática, ao identificar e diagnosticar problemas que nela ocorrem, ao colocar-se intencionalmente a possibilidade de intervir em tal situação utilizando metodologias adequadas, o professor converte-se em investigador da sua prática, desenvolvendo o seu profissionalismo e competência epistemológica.

Para Zabalza (1987), os professores podem conseguir ser melhores profissionais reflectindo sobre o que fazem.

A investigação-acção contribui para o desenvolvimento profissional, na medida em que luta por um professor auto-consciente, comprometido com a escola e com a sua profissão, capaz de gerar conhecimento através da sua própria análise e reflexão (Eliot, 1990).

Baseados nestes princípios e entendendo por dimensão educativa os níveis de educação formal, não formal e informal, um grupo de professores do 1º ciclo e educadores de infância desenvolvem o projecto *Escola-Pais: as nossas práticas* .

A CONSTRUÇÃO DO GRUPO

Por iniciativa do ICE (Instituto das Comunidades Educativas) em articulação com o IEC-UM (Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho), um grupo de Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Educadores de Infância foi contactado para formar um núcleo de debate sobre problemas inerentes à sua profissionalidade, viabilizando um projecto de intervenção em rede com principal incidência nas comunidades educativas onde estão inseridos. Este projecto faz parte de um conjunto de projectos que têm como finalidade comum a reflexão e a intervenção nos dois primeiros níveis do ensino básico – a educação pré-escolar e o ensino primário – sobretudo a nível da formação dos professores, estando inscrito como *Projecto Educação Primeira* no Centro de Estudos da Criança, do IEC¹-Universidade do Minho.

Nos primeiros encontros foi notório que os elementos deste grupo tinham uma grande necessidade de pôr em comum os problemas sentidos na sua prática quotidiana: a dificuldade em obterem apoios quer da população quer dos seus superiores hierárquicos, e as dificuldades derivadas do isolamento em que está uma grande percentagem de jardins de infância e de escolas do 1.º ciclo constituíam os principais motivos de conversa.

Nesta fase foi importante notar que educadores de infância e professores do 1.º ciclo, embora tendo frequentado instituições de formação comuns, no terreno, mantinham-se de “costas voltadas”, sem qualquer articulação de planos de actividades e culpabilizando-se mutuamente por esta situação, considerando, no entanto, que essa aproximação era essencial quer para o desenvolvimento das crianças de quem eram responsáveis, quer para o desempenho da sua actividade profissional em geral.

A diversidade de contextos profissionais habitados por estes docentes estava na base de diferentes posturas profissionais. Concretizando, pode-se dizer que o grupo é constituído por:

- seis educadoras de infância – duas exercendo funções em jardins de infância da rede pública, três em jardins de infância pertencentes a IPSS(s) e outra destacada na Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral;
- quanto aos professores do ensino primário, actualmente uma é professora no meio rural e outra é professora da Educação de Adultos.
- a coordenar o grupo e a estabelecer a relação entre o ICE e o IEC está um docente de cada uma dessas instituições.

Se esta diversidade na constituição do grupo de início parecia um entrave, veio-se a verificar que a mesma tem sido enriquecedora quer a nível pessoal, quer a nível profissional.

OS OBJECTIVOS DO PROJECTO

De uma forma sucinta, com este projecto pretende-se:

- colaborar de uma forma adequada e reflexiva com a comunidade educativa alargada;
- rentabilizar a relação de parceria com a família;

1. IEC Instituto de Estudos da Criança

- promover a continuidade da escola com as comunidades para que se verifiquem aprendizagens significativas;
- criar um conjunto de normas e valores próprios e específicos da profissão;
- estabelecer redes de colaboração de profissionais entre si e projectos de escolas.

AS ACTIVIDADES QUE DÃO ESTRUTURA AO PROJECTO

As reuniões quinzenais constituem o espaço-encontro onde se trocam saberes, se avalia o desenvolvimento do projecto e se planificam novas acções. Num grupo que se dispersa por diferentes contextos, estas acções não são necessariamente reproduzíveis em cada um, pelo que a unidade do projecto é garantida pela preparação e avaliação em conjunto e pela possibilidade de cada elemento do grupo constituir recurso para uma acção a ser desenvolvida no contexto de um colega. Assim, entre as diversas acções do grupo podem destacar-se:

- o intercâmbio entre os alunos dos docentes que constituem este grupo;
- a participação em Encontros, Seminários e Congressos para debate de problemáticas comuns aos professores;
- a participação em conselhos pedagógicos, a convite dos mesmos;
- a realização de acções de formação;
- a realização de Conferências em diferentes escolas do ensino básico e secundário com a finalidade de conseguir uma sensibilização para a importância da interacção escola-pais com vista à construção de projectos educativos que integrem e responsabilizem todos os intervenientes no acto educativo;
- a participação em reuniões com estruturas de apoio às escolas;
- a organização do Seminário *Pais e Professores Juntos Pela Educação* que realizamos em 19 e 20 de Novembro de 1998, pretendeu constituir o início de uma nova etapa de trabalho para o Projecto, alargando o campo de reflexão, redimensionando dinâmicas internas, definindo novas estratégias de intervenção educativa junto da comunidade educativa a que cada elemento pertence;
- a participação em Seminários da formação inicial de educadoras de infância e de professores do ensino básico;

No pretérito ano lectivo, o grupo investiu sobretudo na realização de um programa de rádio *A Escola e os Pais*, com um conjunto de seis emissões.

A ESCOLA E OS PAIS – A RADIOFONIA AO SERVIÇO DA COLABORAÇÃO EDUCATIVA

Na base do interesse pela realização destes programas, estiveram os objectivos de alargar a partilha de experiências e a reflexão, promover o levantamento de novas questões sobre a pertinência da continuidade educativa famílias<=>escola e estabelecer redes de colaboração entre diferentes parceiros implicados na educação da criança, tais como pais, professores, os próprios alunos e outros elementos da comunidade.

A concretização destes programas obedeceu a um plano detalhado de concepção, organização e realização, procurando-se que todos os elementos do grupo estivessem implicados. Assim, fez-se um primeiro levantamento de questões relacionadas com esta problemática, organizando-as em seguida pelos temas integradores:

- A Escola e o Processo Educativo
- Parcerias, Participação e Envolvimento no Processo Educativo
- Práticas e Projectos de Colaboração
- Associativismo Parental
- A voz das crianças relativamente à participação dos pais na escola

Depois de uma reflexão interna ao grupo, este subdividiu-se por mini-grupos de dois elementos cada, que se encarregaram de aprofundar a pesquisa sobre cada um dos temas e a produzir um texto que, depois de re-analisado pelo grande grupo, viria a ser utilizado na introdução de cada programa.

Os programas seguiram um modelo de base que consistiu na apresentação do tema, seguido por uma entrevista a um mínimo de três convidados por programa e finalizado por uma síntese sobre o mesmo. Para cada programa foram identificados os convidados tidos como adequados para a abordagem do tema em análise. Assim, tivemos connosco crianças-alunos, pais, professores e analistas educacionais. A coordenação dos programas esteve a cargo de dois elementos do grupo, assumindo um o papel de *pivot* e outro da realização das sínteses. Na impossibilidade e incapacidade de realizar a componente musical do programa, entregamos esse trabalho a pessoas externas ao grupo.

O último programa constituiu um momento de avaliação sistematizada de todo o grupo, na medida em que todos os elementos viram os seus papéis alterados, passando de entrevistadores a entrevistados, ficando o encargo da monitorização da entrevista a cargo do Coordenador da Linha de Investigação do Centro de Estudos da Criança em que o Projecto se encontra inscrito.

Em termos gerais, e segundo a opinião de alguns ouvintes assíduos do programa, as questões abordadas revelaram-se contributos fundamentais para a resolução dos muitos problemas que, de uma forma ou de outra, se colocam aos pais e aos profissionais de educação. Muitos foram os ouvintes que se reviram nas experiências a que o programa deu voz e que, por isso, se sentiram mais reforçados para o trabalho em que têm apostado. Outros houve que, motivados pelos programas, aguçaram a vontade de intervir nas escolas dos seus filhos de uma forma mais activa e contínua.

Para os elementos do grupo, a realização dos programas teve repercussões a vários níveis, o que está expressamente demonstrado nos seguintes depoimentos:

“Reflectindo sobre estas últimas semanas, constatei que foi um trabalho muito positivo porque consegui ter experiências a vários níveis e, mais uma vez, cheguei à conclusão que por mais difícil que pareça um trabalho, com boa vontade e compreensão tudo é possível. Com o processo de construção tive de interiorizar certos conceitos ou ideias sobre educação, o que aumentou o meu leque de conhecimentos e me ajudou a ganhar ânimo para ir mais longe no que diz respeito ao trabalho com pais.”

“A preparação desta série de programas e todo o trabalho em equipa com este grupo permitiu-me:

- *Reformular as interacções entre os diferentes agentes educativos, obrigando-me, de certa forma, a ter em conta que, apesar da formação e percursos idênticos, os profissionais têm representações muito diversas da profissão e de como exercê-la.*
- *Foi todo um trabalho que permitiu o crescimento profissional através da reflexão individual e em grupo, onde a partilha e a troca de saberes era uma constante.*

- *Este grupo soube constituir-se recurso de e para todos os seus elementos, servindo de suporte teórico e prático na análise educativa, nomeadamente numa fase complexa de mudanças em que vivemos com o novo modelo de Autonomia e Gestão previsto no Decreto-Lei nº115-A/98, que veio permitir a confusão na função docente e diluir a visibilidade do papel do educador.*
- *Este grupo sonha ainda servir de apoio emocional aos seus elementos pela facilidade com que transforma as suas angústias em estratégias de acção.”*

“ Aquando da ideia inicial lançada no grupo para a preparação do programa de rádio (...) fiquei muito renitente em virtude de considerar que este trabalho nos daria uma grande sobrecarga e por ter receio de não conseguir concretizar algo para o qual não tinha qualquer experiência. Contudo, esforcei-me por colaborar na concretização do que planeamos e considero que para mim foi muito enriquecedor em virtude de me ter «obrigado» a ler e a rever alguns textos sobre a identidade das crianças e as suas perspectivas sociais (...) e porque fui estimulada a não recear avançar mesmo quando surgem diversos e grandes obstáculos.”

“ Foi uma experiência de forte impacto, que difere do trabalho habitual e tradicional dos professores (...) forte reflexão sobre os temas propostos (...) forma inovadora de dar visibilidade ao trabalho que o grupo efectua.

Incluído numa perspectiva de formação ao longo da vida, esta experiência radiofónica representou a subida de um nível, pois nem sequer é suposto que a experiência e a formação/actualização de um professor incluía vivência radiofónica.

Considero que esta experiência vem reforçar e confirmar o impacto que tem tido para mim a pertença a este grupo de trabalho, pois além da valorização e reforço profissional, tem proporcionado a quebra de isolamento docente e incluído a abertura a possibilidades diversas.

Na fase inicial pareceu-me de uma exigência superior às efectivas possibilidades das pessoas que constituem o grupo (...) contudo, após o final de todo o trabalho, tudo parece relativamente simples, perfeitamente possível e agradavelmente bonito.”

“A organização destes seis programas de rádio foi para mim um processo complexo e enriquecedor, como costuma acontecer em qualquer «grande» desafio, onde tem de existir uma estreita articulação/ cooperação entre os diferentes elementos do grupo. A fase mais assustadora foram as gravações. Este momento da passagem da informação do grupo para o grande público foi o que mexeu mais (segregou mais adrenalina) comigo, devido à grande responsabilidade que isto pressupõe e por ser um mundo quase desconhecido para nós.. Mas, sem dúvida, foi também a fase que mais satisfação me deu, por vê-la satisfatoriamente concluída. (...) só posso acrescentar que no percurso e na experiência profissional de um professor há uma tônica predominante, que é a tomada de decisões constantes, onde sem dúvida este interventor fundamental do processo educativo terá de assumir variadíssimos papéis para os quais deverá estar minimamente preparado.”

“Os programas de rádio representam o pôr em comum com outras pessoas todo o trabalho de reflexão que temos vindo a fazer sobre a relação escola-pais.

Depois de termos reflectido e de nos termos debruçado sobre a educação e sobre os problemas de participação, envolvimento e parcerias, era muito pobre se tivéssemos por aí ficado; tínhamos

aprendido muitas coisas em revisões bibliográficas que fizemos; tínhamos aprendido muitas coisas uns com os outros a partir da reflexão sobre as nossas práticas, mas faltava-nos a visibilidade do nosso trabalho, o “reconhecimento” de outras pessoas exteriores ao grupo. Faltava-nos também uma aplicação prática da nossa reflexão, algo que pudesse ser alargado a toda a comunidade em geral.

Os programas de rádio funcionaram pois como um ponto alto do nosso trabalho e também como um ponto de partida para outros trabalhos e reflexões futuras. Aprendemos muito com os nossos convidados e connosco mesmos, superamos algumas dificuldades e vencemos esta tarefa que a princípio se nos afigurou como inatingível e colossal.”

Em síntese, pode-se dizer que a concepção, organização, realização e avaliação do programa A Escola e os Pais constituiu um marco importante para o grupo realizador e para o projecto, tendo em consideração o conjunto diversificado de tarefas a que foi necessário dar resposta, quer pelo que representou de aprendizagem numa actividade completamente nova para qualquer um dos seus elementos, quer pelos meios que mobilizou e pelas repercussões que se pensa terem sido alcançadas.

Tal como a realização de actividades anteriores, a experiência de radiofonia constitui um momento decisivo para cada elemento e para o grupo em geral, na medida em que obrigaria a redefinir caminhos e a tomar novas decisões. O desenvolvimento profissional que despoletou e a intensificação dos processos de investigação sobre a problemática da relação escola-pais, possibilitou um exercício de descentração das práticas motivador de novas formas de relação entre as escolas e os pais

BIBLIOGRAFIA

COHEN, L. e MANION. (1990). *Métodos de Investigación Educativa*. Madrid: Editorial La Muralla.

DELORS, J. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Porto: Edições Asa.

ELLIOT, J. (1990). *La Investigación-Acción en Educacion*. Madrid: Morata.

FERREIRA, F. I. (1994). *Formação Contínua e Unidade do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.

GARCIA, C. M. (1999). *Formação de Professores Para uma Mudança Educativa*. Porto: Porto Editora.

GIMENO, J. S. (1993). *Consciencia y Acción Sobre la Práctica como Liberación Profesional de los Profesores*. In F. Imberón (coord) *La Formación Permanente del Profesorado en los Países de la CEE*. Barcelona: JCE/HORSORI, pp.53-92.

MALGLAIVE, G. (1995). *Ensinar Adultos*. Porto: Porto Editora.

ZABALZA, M. B. (1987). *Los Diários de los Profesores como Documentos para Estudiar Cualitativamente los Dilemas Práticos de los Profesores*. Santiago:Projecto de Investigación de Acesso a Cátedra.